

IDEOLOGIAS, POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES E BILINGUISMO: ESTUDO DE CASO DE UMA FAMÍLIA DE DESCENDENTES DE JAPONESES RESIDENTES EM PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

IDEOLOGIES, FAMILY LANGUAGE POLICIES AND BILINGUALISM: CASE STUDY OF A JAPANESE DESCENDANT FAMILY LIVING IN PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL

Vinicius Borges de Almeida¹

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4436-4880>

Isabella Mozzillo²

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-8445-9174>

Recebido em: 25/2/2020

Aprovado em: 13/4/2020

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de analisar algumas ideologias e políticas linguísticas adotadas por uma família de descendentes de japoneses residentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Primeiramente, serão introduzidos alguns aspectos da imigração japonesa neste país e da condição dos imigrantes no início do século XX. Em seguida, será apresentado o aporte teórico sobre o qual a investigação se baseia e, por fim, será feita a análise dos dados obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas com a família.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Línguas em contato. Bilinguismo. Políticas linguísticas familiares.

ABSTRACT: *This article aims to analyze some ideologies and linguistic policies adopted by a family of Japanese descendants living in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. First, some aspects of Japanese immigration in this country and the condition of immigrants in the early 20th century will be introduced. Then, the theoretical contribution on which the investigation is based will be presented and, finally, the analysis of the data obtained from semi-structured interviews with the family will be made.*

Keywords: *Japanese immigration. Language contact. Bilingualism. Family language policies.*

¹ Licenciado em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestrando em Letras na área de Aquisição, Variação e Ensino pela mesma instituição. vinibalmeida@hotmail.com

² Licenciada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora titular do Centro de Letras e Comunicação (CLC) da UFPEL. isabellamozzillo@gmail.com

Introdução

Mil novecentos e oito é o ano de que se tem registro da primeira leva de imigrantes japoneses em direção ao Brasil. O navio, vindo da cidade de Kobe, trazia o total de 781 nipônicos, dentre os quais expressiva parcela seria responsável pelo trabalho em lavouras de café. Essa migração foi motivada sobretudo por questões de sobrevivência, já que no início do século XX o Japão passava por um período de escassez de alimentos e de ofertas de trabalho. Isso também levou a processos migratórios para outros países além do Brasil, como a China, a Rússia e os Estados Unidos (principalmente em direção ao Havaí pela questão da proximidade).

Esse movimento de um território para o outro traz consigo implicações diretas nas vidas desses indivíduos, desde questões de necessidades básicas – como uma propriedade para viver e comida para se alimentar – até preceitos sociais, culturais, religiosos e filosóficos. Os *isseis*³ que aqui chegaram, tendo sido frutos de uma educação baseada na “Lealdade ao Império e Amor à Pátria”, não queriam se instalar definitivamente no país: consideravam a vida no Brasil como algo temporário. Por isso, preferiam se organizar em colônias rurais do interior, favoreciam os casamentos entre pessoas da mesma colônia e utilizavam estritamente a língua japonesa.

Evidentemente, esses aspectos de isolamento acima mencionados não eram factíveis em todas as realidades em que os imigrantes se inseriram. Afinal, muitos deles trabalhavam para os donos das lavouras, que eram brasileiros. Moriwaki e Nakata (2008, p. 16) relatam que “o imigrante, não acostumado ao contato com outros povos de hábitos e culturas diferentes, conscientizou-se de sua condição de japonês somente ao se distanciar da sua terra natal.” É interessante perceber que esses processos transculturais (e, portanto, translíngüísticos) refletem bem o que diz José Saramago: “É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.” Para o caso do japonês, o “sair da ilha” pode ser visto metafórica e literalmente.

Conforme Moriwaki e Nakata (op. cit., p. 20), a situação do imigrante japonês entre os anos de 1908 e 1915 poderia ser assim resumidas: as condições de vida, infraestrutura e alimentação eram tão ruins que nenhum japonês poderia sequer imaginar; as diferenças linguísticas entre os *isseis* e os administradores das terras culminavam em uma comunicação incipiente; a colheita do café era muito menor do que o que lhes havia sido prometida uma vez que apenas as partes mais velhas e de menor qualidade do grão lhes eram fornecidas; o sentimento de superioridade do imigrante desmoronou perante a arrogância dos donos das fazendas, que ainda mantinham costumes e atitudes da época da escravidão; por fim, esses *nikkeis* se viram desamparados, o que os levou à insatisfação crescente diante da Companhia de Imigração do Japão. Nessas condições, o sonho de vir ao Brasil para trabalhar temporariamente e, em pouco tempo, retornar rico ao Japão cada vez mais se distanciou da realidade. Por isso, uma parcela dos imigrantes começou a ressignificar essa mentalidade de *decassêgui* (trabalhador temporário) e a se fixar em outras áreas rurais e também urbanas.

³ Issei é o imigrante japonês e nissei é o filho de imigrantes japoneses, que tem, portanto, a nacionalidade brasileira. Já nikkei refere-se a todo cidadão que está fora do Japão, mas tem ascendência japonesa, incluindo o issei.

Ainda segundo esses autores (ibid., p. 29), foi a partir desse momento que se começou inclusive a pensar na educação dos *nisseis*. Havia fundamentalmente duas posturas: a que priorizava o Brasil (e deixava o Japão em segundo plano), optando-se pelo ensino brasileiro em primeiro plano, colocando a língua japonesa de lado nesse processo de educação formal; e a que priorizava o Japão (e deixava o Brasil em segundo plano), ainda alicerçada no ideal do imigrante conservador de retornar, assim que possível, ao seu país natal.

Morales (2009, p. 5) concorda com a existência dessas posturas, evidenciando que “o japonês era ensinado aos descendentes como língua materna, porque os pais tinham como projeto retornar ao Japão”. Já em meados dos anos 1940, no período Pós-Guerra, a língua passou a ser transmitida aos descendentes na perspectiva de língua de herança⁴, a fim de manter o elo linguístico-cultural com os ancestrais.

O presente trabalho é um estudo de caso de uma família de descendentes de japoneses residentes em Pelotas. Trata-se do início de uma investigação histórica e linguística que será posteriormente desenvolvida, uma vez que pesquisas desse tipo são escassas na região.

1 Referencial teórico

Nesta seção, serão explicados os conceitos de bilinguismo, indivíduo bilíngue, alternância de código, línguas em contato e políticas linguísticas familiares, que serão utilizados posteriormente na análise dos dados e discussão.

Primeiramente, conforme a explicação de Mozzillo (2001 p. 2), o bilinguismo “constitui-se, em seu sentido lato, no uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo.” Esse conceito engloba um arcabouço muito diverso de falantes que têm características próprias e que se utilizam das línguas em situações específicas conforme sua competência nas habilidades tanto de produção quanto de compreensão, sejam elas orais ou escritas. Por isso, esse fenômeno é observado em todas as classes sociais, em todas as faixas etárias e em todos os países, até naqueles em que se crê haver uma cultura monolíngue ou apenas uma língua considerada oficial.

A fim de compreender os indivíduos bilíngues, pode-se levar em conta um *continuum* que parte dos monolíngues até chegar aos equilíngues. Entre as duas extremidades, incluem-se

os aprendizes recentes de outra língua (bilíngues incipientes) assim como aqueles que apenas leem em outro sistema ou ainda os que, por razões de competência ou por razões de ordem estratégico-afetiva não querem ou não conseguem falar outra língua apesar de bem compreendê-la (bilíngues passivos ou receptivos).

São também bilíngues os falantes que desenvolvem todas as habilidades, com vários graus de domínio, em outra língua, e que, mesmo atingindo grande fluência

⁴ O termo língua de herança (LH) aqui mencionado está conforme o conceito empregado por Morales (2009, p. 145): no caso brasileiro, uma língua que não seja o português e tenha particular relevância para as famílias. A isso também se pode agregar o forte desejo de os pais transmitirem a cultura e a língua do seu país de origem.

e precisão, não passam por nativos ao serem julgados por quem o seja realmente. Por fim, existem indivíduos equilíngues, pessoas que são reconhecidas por falantes nativos dos seus dois idiomas como pertencentes a ambos os grupos. Embora dificilmente sejam verdadeiramente equilibrados porque não se desempenham nas duas línguas nos mesmos contextos, impressionam por ter, do ponto de vista dos interlocutores, idêntico domínio das línguas, constituindo-se no que, classicamente, se denominava “bilíngues perfeitos”. (MOZZILLO, 2001 p. 4 e 5).

Todo falante bilíngue, ainda que não perceba, detém um comportamento linguístico muito singular. Um dos fenômenos recorrentes em seus momentos de interação é o *code-switching*⁵, cujo conceito tem sido amplamente utilizado na literatura como inerente da conversação bilíngue (GROSJEAN, 1982). Ele consiste em alternar a língua (considerada a língua de base) para outra (língua convidada) durante o discurso entre bilíngues que compartilham o mesmo par de línguas. Esse fenômeno não é aleatório, pois, ainda conforme o autor, ele configura um ganho comunicativo e pragmático; fornece características únicas às conversações; e tem sempre uma motivação sociolinguística ou psicolinguística subjacente.

Além disso, uma vez que há coexistência de duas ou mais línguas nos bilíngues e esses falantes estão interagindo entre si, pode-se concluir que esse contato de línguas se dá tanto individual quanto socialmente. Aplicando-se tal ideia no contexto do Brasil do século XX outrora mencionado, percebe-se que a situação de coexistência dos imigrantes japoneses e dos cidadãos brasileiros leva, neste país, ao contato das línguas japonesa e portuguesa. Para se analisar esse contato, é mister averiguar o poder político, econômico, militar e de prestígio de cada uma dessas línguas dentro do território no qual elas estão inseridas. Couto (2009, p. 51) considera que, no Brasil, há uma sociedade estruturada e a língua portuguesa é a língua estabelecida e estabilizada. Portanto, os japoneses (e, por conseguinte, a língua japonesa) representa, nesse lugar, o lado mais fraco conforme os quatro aspectos anteriormente mencionados. É por isso que, nesse caso

frequentemente se dá o que se tem chamado de **Lei das Três Gerações**. De acordo com ela, a primeira geração (quando migra já adulta) aprende quando muito uma variedade pidginizada da língua hospedeira. Os seus filhos geralmente aprendem a língua do país hospedeiro e a dos pais, sendo, portanto, bilíngues, continuando a usar a língua original em todas as interações intragrupalas. Os netos, porém, tendem a preferir a língua da nova terra, mantendo, quando muito, um conhecimento passivo da língua original de seus avós. (COUTO, *ibid.*, p. 29 e 30, grifo do autor).

⁵ Aqui emprega-se o termo *code-switching*, em inglês, muito embora sua tradução literal, alternância de código, também seja empregada com o mesmo sentido.

O ensino e a transmissão da língua japonesa para as gerações subsequentes àquelas vindas do Japão muito têm a ver com questões ideológicas e políticas, sejam elas públicas ou familiares. Para este trabalho, apenas as políticas familiares serão colocadas em evidência, a fim de revelar práticas dentro desse ambiente que podem, por sua vez, promover o bilinguismo (a língua de imigração e a língua dominante já estabilizada no território) ou o monolinguismo (apenas a língua de imigração ou apenas a língua dominante).

As interações familiares são, dessa forma, a chave para o processo de aquisição da linguagem nas crianças. Essa aquisição monolíngue ou bilíngue está intimamente ligada às ideologias e ao conhecimento que os pais e parentes têm sobre o desenvolvimento da linguagem, isto é, qual será o produto resultante dessas interações e o que se poderá esperar desse ambiente em que exclusivamente uma língua será utilizada ou se haverá coexistência de duas ou mais.

Para tanto, Spolsky (2004 apud KING e LOGAN-TERRY 2008) comenta que

o estudo de políticas linguísticas inclui análises de crenças linguísticas ou ideologias (o que as pessoas *acham* sobre a língua); práticas linguísticas (o que as pessoas *fazem* com a língua); e esforços para modificar ou influenciar essas práticas através de quaisquer tipos de intervenção, planejamento ou gerenciamento linguístico (o que as pessoas *tentam fazer* com a língua). (Tradução nossa)⁶

Dentre as ideologias sobre o bilinguismo em ambiente familiar, uma das mais comuns encontradas é a crença de que, se a criança for exposta a duas ou mais línguas, isso lhe causará confusão mental ou irá prejudicá-la posteriormente em período escolar. Embora já mostrado cientificamente por De Houwer (2006) de que o infante seja capaz desde tenra idade de acessar a melhor língua em dada situação comunicacional, essa crença ainda é muito presente, o que pode levar pais e professores a optarem pelo monolinguismo a fim de não prejudicar a criança.

Tomando por base esses preceitos de ideologias linguísticas e políticas familiares em relação ao bilinguismo, esta pesquisa tem por objetivo analisar comportamentos e atitudes de uma família de descendentes de japoneses residentes em uma cidade no sul do Rio Grande do Sul. Assim como já foi feito em outros trabalhos na região, que investigaram esses fenômenos com o pomerano e com o espanhol de fronteira, por exemplo, pretende-se avaliar: o que se pensa sobre a(s) língua(s), em que domínios ela(s) é(são) utilizada, quais foram os fatores que determinaram as decisões de promovê-la(s) ou abandoná-la(s), se o uso delas é alternado (em havendo mais de uma língua).

⁶ the study of language policy includes analysis of language beliefs or ideologies (what people think about language); language practices (what people do with language); and efforts to modify or influence those practices through any kind of language intervention, planning, or management (what people try to do to language). (KING e LOGAN-TERRY, p. 6, grifos dos autores).

2 Metodologia

Para a pesquisa, de caráter qualitativo, um questionário foi organizado e utilizado para o levantamento dos dados durante entrevista semiestruturada.

Os três informantes da mesma família foram selecionados por se encaixarem no perfil da pesquisa, isto é, são descendentes de japoneses e residem em Pelotas. Abaixo, as informações sobre eles, com nomes fictícios a fim de preservar-lhes a identidade:

1. Sandra, sexo feminino, trinta e oito anos, ensino médio completo, desempregada, *sansei* (a avó materna era japonesa). Natural de Belém-PA, mudou-se para o Japão durante a infância, onde ficou alguns meses. De volta ao Brasil, conheceu o rapaz que depois se tornaria seu marido. Após terem a primeira filha, foram ao Japão e lá residiram na cidade de Tochigi, onde nasceu o segundo filho. Após morarem um tempo nordeste, há sete anos vivem em Pelotas.
2. Michiro, sexo feminino, vinte anos, desempregada, *sansei* (os avós paternos são japoneses). Natural de Belém-PA, morou no Japão durante a infância e lá estudou até o quarto ano. Após esse período, a família retornou ao Brasil e ela concluiu o ensino básico. Mora com a mãe e os irmãos há sete anos em Pelotas e estuda Letras – Bacharelado em Tradução Português/Inglês na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).
3. Jedi, sexo masculino, dezoito anos, desempregado, *sansei* (os avós paternos são japoneses). Natural de Tochigi (Japão), estudou lá até o segundo ano. Após esse período, a família retornou ao Brasil e ele concluiu o ensino básico. Mora com a mãe e as irmãs há sete anos em Pelotas e estuda Ciência da Computação na Universidade Federal de Pelotas.

A família é também composta pelo marido de Sandra, que atualmente está no Japão, e Megumi, filha mais nova do casal, que não esteve presente na entrevista. Ela tem dez anos e nasceu no Brasil. Nunca foi ao Japão, mas estuda japonês como língua estrangeira com a professora Rosane⁷ há um ano, além de incipientemente usá-lo em casa com a mãe e com os irmãos.

O questionário utilizado foi o seguinte:

1. Havia mais de uma língua na tua casa durante a tua infância? Quais? Por quê?
2. Consideras que essas línguas que te rodeavam na tua infância são tuas línguas maternas? Por quê?
3. Qual é o teu histórico linguístico? Que línguas aprendeste mais adiante de forma natural? (em contato com nativos, no lugar onde elas eram faladas naturalmente). E quais de forma artificial? (em cursos de línguas, escola).

⁷ Rosane é brasileira, tem cinquenta e um anos e aos vinte e sete teve a oportunidade de ir ao Japão através de programa de bolsas de estudo oferecido pelo governo japonês (Mext) e lá fez pós-graduação em Artes. Estudou língua japonesa na Universidade de Sofia (上智大学 – Jōchi Daigaku) e trabalhou durante nove anos em uma escola de idiomas em Tóquio. De volta ao Brasil, ela ensina japonês há oito anos, contando, atualmente, com 41 alunos (crianças, adolescentes e adultos) de nível básico a avançado, além de preparatórios para a Avaliação de Proficiência na Língua Japonesa (日本語能力試験 – Nihongo Nōryoku Shiken).

4. Qual a ordem de aprendizado de todas as línguas com as quais tiveste contato?
5. Em que nível consideras que as dominas? E em quais habilidades (ler, falar, entender, escrever)?
6. Teu cônjuge e tu falam em que língua(s) entre si? É sempre a mesma? Em que circunstâncias?
7. É(são) a(s) mesma(s) usada(s) com os filhos?
8. Sofres algum preconceito por usares alguma língua em particular? Por parte de quem? Em que situações?
9. Terias preferido não ser falante de mais de uma língua? Por quê?
10. O que pensas da alternância de uma língua para a outra durante a conversa ou conforme a situação comunicativa? Por quê?
11. Essa alternância referida na questão 10 é feita em casa? E noutros lugares? Com quem?

Por uma questão de disponibilidade, a primeira entrevista foi realizada com Sandra e Michiro; em outra data, separadamente, com Jedi. Todos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A entrevista com Sandra e Michiro ocorreu no dia 23 de outubro de 2019 na casa da professora Rosane, enquanto Megumi fazia sua aula de japonês; e a de Jedi, no dia 27 de novembro de 2019 no campus Anglo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Por vezes, pode haver sobreposição de trechos das falas dos informantes, uma vez que os dados são complementares. Os excertos foram escolhidos conforme a ordem das perguntas da entrevista, o que não representa fielmente a ordem da gravação. A seguinte legenda será empregada: S para Sandra, M para Michiro, J para Jedi e E para o entrevistador.

A análise das entrevistas é de caráter interpretativo, através de exame de vinhetas narrativas concretas dos próprios informantes. Elas foram transcritas ortograficamente – pois a reprodução fiel de pronúncia e entonação não está sendo considerada.

3. Análise dos dados

3.1. As memórias e o histórico da família

A primeira parte da análise será o relato de Sandra sobre suas memórias dos antepassados:

S: (...) lá em Belém, grande... Tomé-Açu... se você pesquisar, você vai ver. Tem muito japonês lá.

E: E essa comunidade, ela é, assim, mais afastada ou é bem integrada com a zona urbana? O que tu achas?

S: Tem a da zona urbana e tem a da colônia...

E: Da colônia mesmo... sim, sim.

S: Tem os dois... esse da colônia é um pouco longe, fica umas 4 horas de Belém. Que lá, nossa, você vai lá e parece que tá no Japão mesmo lá. Muito japonês, muito, muito lá. Comida também tem bastante.

E: E entre eles, o que é que tu lembras?

S: Falam *nibongo* entre eles, falam *nibongo*.

E: E eles costumam assim, casar com pessoas da colônia?

S: Eles costumam manter a tradição...

E: São bem fechados ao externo...

S: Sim, principalmente nessa colônia lá do interior... Tipo da minha mãe, é... da minha mãe... a minha vó, ela... o pai da minha mãe era brasileiro e a família da minha vó rejeitou ela, porque ela casou com um brasileiro. Então, quando a minha vó faleceu, a minha mãe e a minha tia foram pra um orfanato, porque a família... tio, irmão que tinha não quis... porque tinha mistura. Então, as minhas duas tias foram pro orfanato. Quando elas tavam maiorzinha, com 12 anos mais ou menos, esse tio foi pegar, mas pra ser empregada da casa dele, porque ele não considerava da família... que tinha mistura. Então no interior de Belém e em várias partes do Brasil ainda tem isso. Não querem que case com um brasileiro...

Esse primeiro relato de Sandra sobre sua família reforça a ideia de que os imigrantes japoneses, por quererem manter sua cultura e o *nibongo* (língua japonesa), preferiram se organizar em colônias rurais onde só houvesse relações entre eles. O contato e, logo, a miscigenação com os brasileiros eram passíveis de exclusão, preconceito, desprezo e violência. Consequentemente, esses fatos apontam para traumas expressivos nesses indivíduos, e podem levar a atitudes de rejeição perante essas posturas (e, portanto, levar ao abandono da língua japonesa, como será visto adiante).

Após narrar esses fatos, Sandra volta um pouco na história para contar a vinda da avó japonesa para o Brasil:

S: Minha vó nasceu no Japão, ela veio no pós-guerra. Quando a Segunda Guerra acabou...

E: Ali pela década de 40?

M: Isso.

S: Aí ela veio num daqueles navios, minha vó. E meu pai é brasileiro.

E: Então tu és considerada o que a gente chama de *sansei*, é isso?

S: Isso, *sansei*. E do meu marido, meu sogro e minha sogra são japoneses.

E: Então ele é *nissei*.

S: Ele é *nissei*. (...) Minha sogra veio quando ela era adolescente e meu sogro também.

E: E na casa dos teus pais, (...) vocês só se comunicavam em português?

S: Sim, todo o tempo. Porque a minha vó faleceu, minha mãe era muito novinha, tinha 8 anos. Então, a gente não teve convívio com a parte da minha mãe.

E: E tu não sabes, assim, ela nunca te contou se com a mãe ela falava japonês, como é que era?

S: A minha vó falava português arrastado, ela lembra pouquinho... porque ela perdeu a minha vó muito novinha.

E: Então a tua mãe até aprendeu um pouquinho...

S: Mais entendia do que falava.

E: Entendi, perfeito. Então o teu contato com a língua japonesa foi mais...

S: Quando eu fui pro Japão, é... quando eu fui pequena, lá eu aprendi *hiragana*, *katakana*, um pouquinho do *kanji*, porque as duas vezes que eu fui, eu passei muito pouco. (...) Eu fui pra escola, mas fiquei da primeira vez nove, e na segunda vez oito meses. Então não foi o suficiente pra aprender.

E: E muito pequena também, né?

S: Uhum... e depois que eu voltei, eu só retornei pro Japão com 17, então se passaram mais nove anos... se foi tudo o que eu tinha aprendido.

E: Porque aqui no Brasil, tu falavas português todo o tempo...

S: Sim...

Neste trecho, percebe-se que o ambiente familiar de Sandra era praticamente monolíngue em português, pois sua avó japonesa, cujo sotaque é revelado como “arrastado” (provavelmente indicando um português aprendido em idade adulta), já havia falecido quando ela e seus irmãos nasceram. Ela comenta que sua mãe mais compreendia do que falava, o que é considerado um bilinguismo apenas passivo (quando há compreensão e não produção). Isso confirma a Lei das Três Gerações mencionadas em Couto (2009), pois Sandra, sendo da terceira geração, não tem mais contato (ou tem um contato muito pequeno) com a língua dos seus antepassados imigrantes.

Por outro lado, Sandra relata que seu contato com a língua japonesa se deu no momento em que sua família decide viajar para o Japão. É lá, ainda quando criança, que ela tem contato com a aprendizagem formal da língua e de seus sistemas de escrita. Entretanto, por ter sido um breve período de tempo e por ter deixado de praticar, ela não a considera como língua materna.

Há outros fatores que também influenciam na relação de Sandra com a língua japonesa. Na época em que conheceu seu marido, por exemplo, ela comenta posturas violentas parecidas com as que sua mãe e sua tia sofreram:

M: Com a senhora também foi assim?

S: A minha sogra também não me aceitava no início, porque eu não pareço...

E: (...) Ou seja, tu tens sangue, mas não tens a fisionomia...

S: Porque eu sou misturada, né? A mamãe casou com um brasileiro... por mais... ela mandou os dois filhos pro Japão, porque ela queria que continuasse a linhagem... só que meu marido é a ovelha negra da família, a gente se apaixonou só que... eu sou *sansei*, mas sou mestiça, né?

E: (...) Mas tu já teve algum tipo de reflexão do tipo “ser mestiça como algo assim que te trouxe um peso ou uma dor?”

S: Muito, muito... eu não sei nada... muita coisa do *nibongo* por pura revolta... porque eu sofri isso no Japão... sofri com minha sogra... meu sogro não, mas minha sogra não me aceitava, ela me humilhava... então eu não queria aprender. E eu falava com meu marido: “não, eu não vou ficar aqui... eu não vou aprender”.

M: Ela usou o português como forma da resistência...

S: É...

Morando no Japão, depois de casar e dar à luz Michiro e Jedi, o ambiente familiar de Sandra alterou-se:

E: (...) Mas como tu (para Michiro), enfim, ainda criança na escola lá... em casa, que língua vocês falavam entre vocês?

M: Japonês com o papai...

S: E português, porque o nosso medo era de eles esquecerem a língua. O Jedi, o meu filho do meio, quando ele voltou pro Brasil, ele não falava mais português... ele entendia tudo, mas na hora de responder, ele respondia... ela (Michiro) sempre foi esperta... ela sempre teve muita facilidade de falar os dois. Ela não esqueceu nunca.

E: Entendi. Ela sabia com quem falar o quê.

S: É. (...) Porque lá quando entra... toda série que entra, primeiro, segundo, terceiro... o professor da turma vai conhecer a família de cada aluno... e eu não era fluente. (...) Ela (Michiro) fazia a tradução... ela pequena. E aí o professor perguntava se eu não entendia... “Michiro, o que é que ele tá falando?” Aí ela traduzia pra mim e traduzia pro professor, isso ela pequena.

(...)

E: Então, quer dizer, tu exigia que ela te respondesse em português?

S: E falasse comigo em português... é, ela numa boa. Ela tinha... já quando ela tava ficando grandinha, era automático... respondia em japonês e eu “Como é mesmo em português?” Daí ela falava em português. Entender, os dois, ela e o Jedi, entendiam... (...) E ele entendia tudo o que eu falava, mas responder... ele só queria responder em japonês.

E: E aí tu não exigias?

S: E eu “Como é Jedi? Como é em português?” E ele ficava assim, pensando... aí ela (Michiro) falava pra ele e eu “Não fala, Michiro... deixa ele falar.” Aí ele demorava, mas respondia.

E: Que interessante. E o teu pai, ele não dizia nada? No sentido de... qual era a opinião dele em relação a esse bilinguismo dentro de casa?

M: Ele nunca se manifestou ser contra... ele era neutro...

Nesta passagem, há o relato das diferenças em relação ao uso do português e do japonês dentro de casa. Sandra sempre exigia que as duas línguas fossem usadas dentro de casa, o que favoreceu um ambiente bilíngue sem que uma língua se sobrepusesse à outra. Michiro, desempenhando-se como nativa nas duas línguas, desde tenra idade funcionava como uma mediadora na comunicação entre sua mãe e seus professores; seu irmão Jedi, embora também nativo das duas línguas, costuma apenas utilizar a língua dominante do lugar, ou seja, o japonês. Outro ponto importante que merece destaque é o fato de elas considerarem neutra a postura do cônjuge/pai, isto é, ele não se mostrava nem a favor nem contra o bilinguismo familiar; Sandra foi, portanto, a que impulsionou esse processo com seus filhos.

3.2 A visão do bilíngue sobre seu bilinguismo

Os trechos a seguir se referem às vantagens e aos inconvenientes em ser bilíngue conforme as experiências dos informantes. Em primeiro lugar, Michiro:

M: Eu acho que... estar inserido nesse ambiente bilíngue fez bem pra mim, tá fazendo... porque as oportunidades que chegam pra mim são a mais do que os que... eu me comparo muito com os meus amigos, por exemplo. Essa oportunidade que a Rosane tá me dando, eu tenho certeza que se eu fosse... se eu tivesse só o português, isso jamais iria acontecer... entendeu? É o que acontece muito com os meus amigos também. Tipo, eu tenho uma outra possibilidade além do inglês, que é o japonês... não teve nada de negativo.

S: Fora as várias culturas que eles aprendem.

M: Exato.

S: Já aprenderam japonês, a gente foi pro nordeste, aprenderam o nordestino. Nós somos do norte... e agora aqui no sul. Então, o ruim é que a gente tá sempre longe da família, que eu digo pai e mãe. Mas o bom é que a gente conhece muita cultura...

Neste excerto, Michiro aponta para os benefícios de ter o português e o japonês como línguas maternas. Ela vê o fato de ser bilíngue, principalmente, como uma oportunidade de destaque profissional, pois Rosane, uma professora de língua japonesa na cidade, ofereceu-lhe uma chance de ministrar algumas aulas para alunos iniciantes. Sandra concorda com a filha e ainda adiciona que o contato multicultural também traz vantagens para a formação de suas identidades.

A seguir, Jedi também relata suas experiências no que tange essas questões:

E: Tu achas que tu sofre algum tipo de preconceito por usar alguma dessas línguas? Por parte de quem? Em que situação... consegues me relatar?

J: Acho que não diria preconceito, mas brincadeiras, né...

E: Que tipo de brincadeiras?

J: Tipo meu sotaque, eles zoam e tal... pastel de “flango” e tal..., mas, sei lá. Ficou tão... me acostumei tanto que eu hoje levo na brincadeira também.

E: E tu acha que essa questão do sotaque por que tu és bilíngue ou por que tu moraste noutra região que não aqui?

J: Acho que é porque morei em outra região.

E: Tu achas que o fato de falar japonês e inglês não altera teu sotaque em português?

J: Altera sim, mas... eu até teve uma época que eu tive que fazer “fono” ... pra melhorar um pouco.

E: Sim, uhum. E... tu terias preferido não falar mais de uma língua? Tu achas que se tu falasses uma língua só seria melhor?

J: Não, não... até porque se falasse só uma língua eu seria muito limitado... eu só levo na brincadeira essas coisas aí...

É interessante reparar que Jedi considera que o monolinguismo seria uma limitação ao seu modo de vida. Além disso, relatou que o único inconveniente teriam sido as brincadeiras que sofreu por seu sotaque – que, na verdade, não é identificado por causa do seu bilinguismo, mas sim pelo fato de haver convivido em regiões cujas variedades do português brasileiro são diferentes do que as do sul do Rio Grande do Sul. Há também a brincadeira com “pastel de flango”, que denotaria a maneira como ele pronunciaria a palavra “frango”. Essa brincadeira, evidentemente feita por leigos, revelaria uma incapacidade de articular o /r/, a ele associada talvez pelos seus traços orientais. Por um lado, é possível compreender a brincadeira, pois tal fonema não está no repertório de falantes monolíngues de mandarim, por exemplo. Mas mal sabem eles que em japonês existe /r/ – o que não existe é, justamente, o /l/!

Para complementar a fala de Jedi, sua irmã e sua mãe também relataram essa questão das brincadeiras:

S: Ele reclamava “Ah, mãe, coisa ruim é isso, tudo mundo pergunta... fala aí japonês.” (...) Ele já é tímido, ele se retraiu muito em Recife... por causa dessas brincadeiras também...

M: É, sim...

Em relação à preferência de falar apenas uma língua, elas se mostraram totalmente opostas a essa ideia:

E: Vocês acham que, não sei se já tiveram essa reflexão, se vocês pudessem teriam preferido só usar uma língua?

M: Não, não, não...

S: Mas eu queria ter inteligência pra aprender várias...

E: 200 se fosse possível!

S: Porque é de mim, eu gosto de viajar... isso é de mim, né? Então eu queria aprender outras.

3.3 A alternância de código (*code-switching*)

Quando perguntadas sobre se havia alternância das línguas em ambiente familiar, os informantes relataram o que segue:

E: Me contem mais assim, por exemplo... vocês estão em casa, conversando. Hmm... nalgum momento vocês alternam pro japonês? Tão comendo e...?

S: Não... no Japão até que era, mas aqui... se bem que a Megumi entrou aqui, entrou na Rosane... e como a gente vai voltar, eu falei pra ela (Michiro) e pro Jedi: “vamo falar palavrinhas para que ela (Megumi) possa ir reconhecendo quando chegar lá”. E aí na TV eu sempre coloco programas japoneses e procuro falar palavras para ela ir reconhecendo...

E: Sim, essa alternância... e claro, é uma alternância, não é só alternar do tipo “a partir de agora, a gente só fala japonês... na próxima hora...” não, é estar tomando café e dizer café em japonês, por exemplo... alternou!

M: (enfaticamente) Isso! Uhum.

E: Esse tipo de alternância então acontece.

M: Sim.

E: E é só esse tipo?

Ambas: Isso.

E: Mas então em função da pequena que tá aprendendo?

Ambas: Uhum.

O discurso de Sandra e Michiro parece levar a crer que a alternância é sobretudo motivada pelo fato de a caçula da família, Megumi, estar aprendendo japonês com a professora Rosane. Então, já que Megumi está aprendendo o japonês em ambiente formal, a família considera que essas alternâncias, aliadas aos programas de televisão japoneses a que essa criança é exposta, vão fazer com que esse aprendizado seja potencializado, auxiliando a menina caso a família resolva voltar para o Japão.

Ainda em relação ao *code-switching*, Jedi relata que:

J: Ah, eu... tanto japonês quanto inglês eu falo só brincando... eu repito as frases de um anime, mas na maioria do tempo é português.

E: Por exemplo, vocês estão tomando um café e alguém diz uma palavra em japonês ou em inglês...

J: Sim, sim, sim...

E: Então é mais essa coisa de fazer uma piada... Então... E com os teus amigos, tu tens amigos que falam também japonês, ou que falam inglês... como é que é?

J: Japonês eu não tenho nenhum amigo..., mas amigo que fala inglês eu tenho alguns. De vez em quando eu brinco também. Seria a mesma...

E: Alternância...

J: É.

O trecho adiciona a ideia que a alternância dentro do seio familiar também tem uma motivação de comicidade, como esclarece Mozzillo (1997), ao citar: “os exemplos em que o efeito pretendido é o de divertir o interlocutor, imitar a fala de alguém ou expressar ironia.” No caso de Jedi, ele realiza a alternância para o japonês quando imita falas de personagens de animes e para o inglês com os amigos, este, porém, fora do ambiente familiar.

Considerações finais

Este trabalho buscou construir um breve panorama do início da imigração japonesa no Brasil relatando e descrevendo as condições a que os primeiros imigrantes foram submetidos. Ademais, foi realizada uma entrevista com uma família de descendentes japoneses que residem no sul do Rio Grande do Sul a fim de compreender algumas ideologias e políticas adotadas por eles em relação ao seu histórico social, cultural e, principalmente, linguístico.

A partir da entrevista, conclui-se que Sandra adquiriu apenas uma pequena capacidade de compreensão oral do japonês em casa (configurando um bilinguismo passivo) e incipientemente as habilidades de produção (oral e escrita) e compreensão escrita (*hiragana*, *katakana* e poucos *kanjis*) enquanto esteve no Japão. Quando retornou ao Brasil, deixou de usá-lo frequentemente, o que ocasionou perda parcial das habilidades de produção.

Já Michiro, sua filha mais velha, é equilíngue, pois desempenha-se como nativa tanto em português como em japonês. Isso ocorre porque houve a decisão explícita de manter o português em casa mesmo estando no Japão, o que impulsionou o bilinguismo no ambiente familiar.

Por fim, as falas de Jedi mostram seu interesse pelo japonês, mesmo que ele não seja equilíngue como sua irmã. Ele considera que a língua faz parte de sua identidade e de seus ancestrais, além de que ela lhe fornece mais oportunidades de estudo e de emprego.

Portanto, foi possível perceber uma atitude positiva perante o espaço da língua de imigração no ambiente familiar, tendo em vista a forte ligação que eles ainda mantêm com o Japão. Os dados indicaram um percurso linguístico bem diverso na família, mas vemos que todos eles são bilíngues em diferentes graus e níveis. Ademais, o *code-switching* também foi identificado nesse contexto familiar, conforme já esperado, por se tratar de um fenômeno descrito em outros trabalhos sobre bilinguismo como característico de grupos que compartilham o mesmo par de línguas.

Este tipo de investigação deverá ser expandido para outras famílias de imigrantes japoneses residentes no sul do Rio Grande do Sul, a fim de que se possa averiguar e catalogar quais são as ideologias e as políticas linguísticas adotadas por essas famílias e qual o *status* da língua japonesa nessa região.

Referências

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

DE HOUWER, Annick. *Two or more languages in early childhood: some general points and some practical recommendations*. AILA News. (The twice-yearly newsletter of the Association Internationale de Linguistique Appliquée) Vol. 1, Nº. 1, 1998.

GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Massachusetts. Harvard University, 1982

_____. Individual Bilingualism. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994, pp. 1656-1660.

KING, Kendall. A.; LOGAN-TERRY, Aubrey. Additive bilingualism through family language policy: strategies, identities & intercultural outcomes. *Calidoscópico*. Vol 6, n. 1, jan/abr 2008.

MORALES, Leiko Matsubara. *Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como ensino de língua estrangeira*. 2008. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/T.8.2009.tde-28052010-140321. Acesso em: 2020-04-19.

MORIWAKI, Reishi. e NAKATA, Michiyo. *História do ensino da língua japonesa no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

MOZZILLO DE MOURA, Isabella. Motivações para a alternância de código no discurso bilíngue. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, Jan/Jun de 1997, pp.51-67.

_____. A conversação bilíngüe dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. In: HAMMES, W.; VETROMILLE-CASTRO, R. (orgs.) *Transformando a sala de aula, transformando o mundo: ensino e pesquisa em língua estrangeira*. Pelotas: Educat, 2001.